

coleção acervo brasileiro

MELO MORAIS FILHO

CANCIONEIRO DOS

CIGANOS



cadernos do mundo inteiro

Coleção acervo brasileiro

Volume 6

**O CANCIONEIRO
DOS CIGANOS**

MELO MORAIS FILHO

Projeto editorial integral

Eduardo Rodrigues Vianna

Imagem da capa

Uma cigana de Granada, Espanha.
Fotografia de Austin A. Breed, 1917.
Sob a licença CC 0: domínio público.

CADERNOS DO MUNDO INTEIRO

cadernosdomundointeiro.com.br

2018

Jundiaí, SP

Sumário

| | |
|--|------------|
| ESTE LIVRO | 4 |
| LICENÇA | 6 |
| CANCIONEIRO DOS CIGANOS E GENEALOGIA DO SEU CARÁTER POÉTICO | 8 |
| 1 Líricas | 22 |
| 2 Elegíacas | 63 |
| 3 Fúnebres | 99 |
| 4 Espécimes do dialeto calom | 111 |
| 5 Notas | 113 |
| 6 Posfácio: Os ciganos, contribuição etnográfica por Melo Morais Filho, por Sílvio Romero | 116 |
| RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS, REA | 121 |

ESTE LIVRO

Em que medida e de que maneiras os ciganos, ou os *romá* como eles mesmos preferem dizer, poderiam estar inseridos na criação da cultura popular brasileira? Como estão inscritos no imaginário e na memória no Nordeste, do Brasil Central, do Rio de Janeiro? Este livro do baiano Alexandre José de Moraes Filho (1844-1919), publicado em 1885 pela Garnier, do Rio, procura começar a formulação dessas questões, a partir da compilação em português dos poemas antigos e tocantes que o cigano canta acompanhado da viola. São peças líricas, elegias e poemas fúnebres, o eco de uma cultura milenar que persiste no mundo muito mais como o patrimônio de um espírito coletivo do que como o registro preciso de uma história — não existe um consenso sobre qual a origem do povo cigano, embora a sua bandeira mundial faça referência à Índia, e a despeito de estar disponível o longo relato de perseguições e até de genocídios de que os ciganos foram alvo.

Neste livro encontramos parte do cancionário calom, isto é, da comunidade cigana brasileira originária da Ibéria, neste caso habitando o bairro da Cidade Nova, que existia na região central do Rio de Janeiro no séc. XIX; a comunidade calom chegou aí a ser próspera, até mesmo influente na economia (alguns enriqueceram vendendo africanos escravizados) e no sistema judiciário. O autor aproximou-se dessa coletividade com o objetivo de conhecer o homem na sua naturalidade e o corpo dos seus usos e costumes; aprendeu o dialeto calom e pôs-se a fazer as versões brasileiras das quadras.

Morais Filho foi um poeta, um homem interessado na cultura brasileira segundo a vontade de produzir uma poesia nacional e movido pela demanda, que rendeu as mais interessantes discussões na sua época, sobre a necessidade de estabelecer um conhecimento humanístico real acerca do país, com a ideia de que as grandes questões de antropologia e cultura deveriam ser estabelecidas. Moraes Filho foi também folclorista, médico e cronista da vida cotidiana. Contra a escravidão, pretendeu abordar a associação entre o cativo do indígena e o do negro, com os livros de poesia *Escravos vermelhos* e *Escravos negros*, embora o seu interesse maior pareça ter sido pelos estudos culturais: foi o autor de um curso de literatura, em grande medida associado aos esforços de Sílvio Romero por criar uma história da literatura brasileira.

O posfácio deste cancionário é aliás de Romero, que descrevia Melo Moraes Filho como o seu único escritor contemporâneo a desempenhar estudos semelhantes aos que se dedicava, sobre a cultura popular.

LICENÇA

A obra de Melo Morais Filho encontra-se em domínio público, e este arquivo é um Recurso Educacional Aberto, REA, idealizado para ser utilizado, distribuído e modificado à vontade. Solicitamos apenas que, ao ser usado de algum desses modos, seja mencionada esta iniciativa editorial. A nossa editora Cadernos do Mundo Inteiro é a primeira do Brasil especializada em Recursos Educacionais Abertos, e queremos muito que os nossos pares, pessoas interessadas nos assuntos educacionais e culturais do Brasil, conheçam-nos. A edição deste arquivo e a atualização ortográfica do texto de Melo Morais Filho são trabalho de Eduardo Rodrigues Vianna.



Creative Commons 4.0 Internacional,
licença Zero: domínio público.
*A utilização desta obra é livre
para todas as finalidades.*

A Charles Morel

Homenagem ao seu grande talento
e sincero brasileirismo.

CANCIONEIRO DOS CIGANOS E GENEALOGIA DO SEU CARÁTER POÉTICO

ESCREVER SOBRE O CANCIONEIRO de um povo é contribuir de alguma sorte para a história de uma raça. Do mesmo modo porque as línguas acompanham o progresso das civilizações, a ideia abstrata, no conjunto das formas, desenvolve-se segundo leis precisas e em absoluto necessárias.

Um cancionero, que representa os sentimentos expansivos e depressivos da alma popular no clima e na zona, em relação com as condições de vida, com o meio cósmico e com as modificações recebidas do meio embriogenético, não pode exprimir uma ideia universal, porém um caráter especial.

Acrescentai à poesia nativa o alto espírito religioso das populações primitivas, mas particular em suas manifestações sensíveis na ordem do regime intelectual de cada uma, e tereis a grande poesia de que todas as outras são variantes no gênero, tendentes não obstante a remontar-se às origens.

O canto popular, que nasce das camadas inferiores, é a primeira segmentação da vida de uma nacionalidade, o despertar do automatismo consciente e livre das nações.

O poeta que, despreocupado da arte, balança nas redes do ritmo agreste a sua canção, que consubstancia o sentimento coletivo, desaparece na anonimidade: seu verso é espontâneo e musical; ele o improvisará para espancar as suas tristezas ou irradiar as suas alegrias, descrever o espetáculo maravilhoso da natureza ou entornar em hinos sua alma ante o prestígio incomensurável dos deuses naturais.

A tradição oral, que mutila a prosa e a desfigura, transmite com mais fidelidade o verso pela toada: daí o pensamento individual generalizado, cujo eco vem repercutir na história, reclamando direitos de um povo na humanidade.

Os ciganos, hordas sem culto, sem asilo e sem lar, rodeando todas as civilizações mas sempre fora delas, chamados na Inglaterra *gypsies*, na Alemanha *zigueuners*, na Espanha *gitanos*, na Itália *zigari*, na Turquia *çingenes*, na França *bohemiens*, e no Brasil, por eles mesmos, *calons*,¹ têm em sua poesia alguma coisa que deslumbra como as labaredas refletidas da trípole das sibilas,² e de profundamente impressionável como uma dor eterna.

No segredo de sua língua e de sua procedência, os seus casamentos, o seu ritual funerário e pompas lustrais, o ideal de seus cantos e seu tipo psicológico constituem um grupo de caracteres étnicos, cuja filiação prende-se, através do tempo e do espaço, a civilizações de antiguidade remota, as quais eles ainda recordam como últimos vestígios, os costumes, os usos, a índole e as superstições.

O pensamento filosófico que baseia suas crenças absurdas foi o mesmo que serviu de berço às religiões asiáticas — as entidades póstumias que lhes povoam as tendas e as habitações, o fetichismo em diversos graus, a magia, a quiromancia, e o governo da família a que vemos submeterem-se, obrigam-nos a procurar, não nas castas dos *párias*,³ como pretendem alguns historiadores, afinidades correlativas, mas nas corren-

¹Há três grandes ramos do povo cigano presentes no Brasil: rom, proveniente do leste e do norte da Europa; sinti, cuja origem encontra-se principalmente na Europa Central; e calom, originário de Espanha e Portugal. Nesta edição optamos pelo termo calom, terminado em m, dado pelos dicionários da língua portuguesa que utilizamos para trabalhar, em lugar de *calon*, tal como consta da grafia do dialeto calom, bastante utilizado por estudiosos da temática cigana. [Nota do Editor.]

²A trípole das sibilas, isto é, a adivinhação do futuro por meio das cartas. [N. do E.]

³Refere-se à casta indiana dos párias, portanto à alegada origem indiana do povo cigano. [N. do E.]

tes de imigração descidas das regiões superiores do Nilo e que formaram o império egípcio.⁴

Seu vocabulário mítico, seu dualismo bárbaro, de que resulta o fetichismo dos contrastes, isto é, os bons espíritos, aqueles que exercem influências favoráveis, em oposição aos maus, e dessa aliança surgindo a exorcista, a ledora de boa ventura, a sacerdotisa feiticeira sem código de moral; tudo revela um estado que se tem perpetuado na persistência da raça.

Em toda a Europa, como na América, os cigamos têm conservado o mesmo tipo, a mesma fisionomia nacional; e seus usos e a sua poesia relembram o povo que gravou sua história no granito de seus monumentos, e as suas crenças religiosas nos símbolos que cercam de pé o sarcófago embalsamado das múmias.

Em partidas vagabundas, errando de país em país, escondem seu lar a vistas estranhas. Sedentários ou nômades, nem por isso as alianças matrimoniais são permitidas, a não ser com os da sua casta.

Em qualquer clima que se os encontre, a desconfiança é a mesma, a linguagem idêntica, os costumes pouco diferentes, e sua alma o resumbramento de todas as melancolias. A sua música é monótona, a sua voz plangente e nazal, a sua poesia pura como uma hóstia, mas úmida de pranto como um sudário!

Dir-se-ia que para um cigano o céu é a tampa negra de esquife, que as estrelas são os pregos de ouro, dos quais cada raio, atravessando-lhe o cadáver, o galvanizam a instantes, para sofrer e morrer.

⁴Na atualidade, a noção de que o povo cigano tem uma origem comum na Índia parece ser a mais aceita. Em 1971 celebrou-se na Inglaterra o primeiro Congresso Mundial Romani; na ocasião adotou-se a bandeira com a tarja superior azul, representando o céu, a tarja inferior, verde, representando a terra, e a roda vermelha com 24 raios, representando a Índia. [N. do E.]

Como o pio da ave noturna no profundo dos hipogeus,⁵ as suas lembranças são lúgubres, os seus cantos lamentosos.

Seguindo desalentados no caminho da vida, a sua filosofia participa do seu sistema religioso. O que na compreensão fácil de seus antepassados primava pela amplitude de uma metafísica engenhosa, neles rebaixa-se pela essência quase perdida de suas crenças e pelas práticas degeneradas das ciências ocultas que exercem, dominados pelo fetichismo africano entre nós encontrado.

Os ciganos, sem esquecer de todo a liturgia primitiva, abrem ainda a sérios estudos horizontes vastos, à luz dos quais intrincados problemas etnográficos serão com probabilidade esclarecidos.

Traçando um quadro comparativo de sua magia, vemos que o seu ritual resente-se do cunho talismânico e demonológico dos egípcios; dos encantamentos, dos exorcismos, dos sortilégios e do naturalismo, sem dúvida anteriores às doutrinas das religiões mais adiantadas.

No que toca a superstições, ritual funerário, malefícios, pragas, velórios e a um destino diante do qual curvam-se impotentes, tantas são as analogias com o que a egiptologia tem podido colher das inscrições, que não duvidamos adotar a opinião dos que os consideram descendentes do baixo Egito e de lá expulsos numa época de que eles mesmos, sem conservar memória nítida, autenticam, pelas tendências de seu espírito e pela sua vida externa, reminiscência vaga, porém inapagável.

Os ciganos no Brasil são supersticiosos: os augúrios sobre eles influem poderosamente, com especialidade nas mulheres, que acreditam portadores de novas determinadas vários seres da criação,⁶ e interpretam, com a sua aparição ou rumores,

⁵No profundo dos hipogeus, isto é, debaixo da terra, nas catacumbas. [N. do E.]

⁶A compreensão desta parte do parágrafo pareceu-nos impossível. Assim se encontra na edição digitalizada a que tivemos acesso, de 1885. [N. do E.]

oráculos, raras vezes felizes, na generalidade fatais.

Tratando de criticar o cancionero de uma classe, procurando nessas composições anônimas a índole dessa poesia completamente distinta da nossa, examinemos algumas superstições e usanças, que devem não só favorecer-nos pontos de reparo quanto à filiação da raça, mas ainda os elementos e a natureza do seu gênio poético.

Na dificuldade de bem compreender-se essa admirável inspiração que aí decorre em versos mais ou menos corretos, que se torna tanto mais brilhante quanto sombrio e profundo o pensamento que reveste, destaquemos de nossa *Contribuição etnográfica — os giganos* algumas revelações que nos foram feitas por uma velha cigana, célebre e temida na sua *nação*, pelo seu poder e ações mágicas.

Essa curiosa senhora, que possui como ninguém o segredo das fascinações, e que pretende submeter entidades superiores e demônios à vontade, interrogada por nós a respeito dos augúrios, passou a informar-nos, da altura de sua merecida reputação, do seguinte, que textualmente reproduzimos:

“Quando se escuta os estalidos da barata que rói, é que breve haverá *bródio*.⁷

“Quando se vê vagar dentro da casa uma borboleta preta, é mau agouro, e para conjurá-lo é preciso a gente benzer-se e persignar-se três vezes.

“O *canto* do sapo significa desgraça tremenda, que trará o luto a todos, principalmente quando esse animal aparece em casa ou no quintal.

“O rato que anda de dia na sala, de um lado para outro, indica moléstia na família, barulho, desavença de parentes.

“O *grito* do pato é chuva; batendo ao mesmo tempo as asas, é grande temporal.

⁷Isto é, breve haverá festa. [N. do E.]

“Quando o grilo canta no quarto de dormir, é que está para chegar algum parente, ou pessoa conhecida íntima. Se o canto é na porta da rua, é que alguém está para fazer viagem.”

“O uivo do cão a desoras é agouro: parente que está a morrer ou em perigo, longe de nós.

“A *risada* da coruja é mensagem de morte, que escarnece da humanidade.”

A cobra de qualquer espécie é tida pelos ciganos como precursora horripilante de acontecimentos fatais.

Qualquer deles, de que damos testemunho, ouvindo pronunciar o nome desse réptil, perturba-se: fenômenos reflexos o acometem; cospe, sua, empalidece; em pouco sente náuseas, vertigens, calafrios, chegando por tal maneira a desequilibrar-se a enervação do grande simpático, que há casos de síncope, ilusões, alucinações, e como um delírio agudo de epiléticos.

Continuando no estudo da psicologia cigana, mais uma analogia se nos oferece de suas práticas com as fórmulas esculpidas nos monumentos do Egito e da Núbia — as pragas e a liturgia mágica.

Essas pragas eram e são ainda rogadas pelas mulheres da tribo (*runins*), destras nos termos cabalísticos. As feiticeiras antigas preparavam melhor o cenário, e daí a ascendência ainda maior sobre a credulidade, que tudo aceitava delas como de lábios proféticos de potências imaginárias.

Eis uma praga das nossas ciganas, ao toque do meio-dia, hora predileta das conjurações perseguidoras:

“Pelos chifres do Anjo das Trevas; pelas chamas que o consomem injustamente no Inferno, hei de ver-te perseguido! Na lama, nas areias gordas, nas ondas do mar, até morreres na ponta de uma faca. Zus! Zus! Zus! Só se o Diabo não foi atirado no Inferno!”

Estas palavras, acompanhadas de asperções convencionais, julgavam e julgam elas serem seguidas de efeitos funestos. Esconjuro para os sonhos:

“Vai-te, Filho das Trevas, sonho mau, que surgiste à cabeceira do meu leito; porque se voltares o Diabo será contigo, com a alma e com o corpo. Zás! Vai-te!”

Descendentes de troncos antiquíssimos, apegados às derradeiras lendas panteísticas, as populações ciganas adotam o fatalismo inicial de seus predecessores e daí o tom fúnebre que ressoa à superfície sonora do seu cancionero, e que entorna em nossa alma com um dobre surdo de finados.

Os ciganos, dominados pelo poder das causas naturais, reconhecem uma necessidade que avassala os homens, um princípio impercebível, mas inevitável — o Destino —, o qual lhes tira a liberdade de agir, e por isso que os surpreende na liberdade da inteligência, e os transforma em covardes no momento da luta, no combate pela existência.

Este sistema de filosofia religiosa, criando o Acaso, criou oráculos em cada objeto animado ou inanimado da natureza, e a linguagem misteriosa das manifestações.

Suspenso entre o mundo físico e o destino, o cigano, em sua vida, com seus cantos, é um espírito fatalista e por conseguinte resignado.

Inteligente, impressionalista, pedindo às vezes às bebidas fortes o esquecimento de suas mágoas inatas, o amor da vida lhe é fugaz como seus risos, e o da morte sincero e duradouro como a insônia do Horto.

O dia em que não sofro
Eu penso que não sou eu;

Que o meu eu se transformou
Num outro que não é meu.

Mais adiante:

A morte, por ser desgraça,
Não deixa de ser ventura,
Pois corta pelas raízes
Males que a vida não cura.

A poesia amorosa, de concepções delicadas e ardentes, engrinaldada de rosas e jacintos, é para o calom um meteoro que luz a furto e desaparece rápido.

A musa é de uma imponência sublime vestida de crepe, a sua lira é deveras inspirada quando as virações algidas do sepulcro entesam-lhe as cordas, e os dedos hécticos de um fantasma as tangem nas solidões intermináveis de suas saudades ignoradas.

De um lirismo religioso e subjetivo, visivelmente esmaltado de sentenças como a poesia dos hebreus, o cancionero dos ciganos identifica-se com o ideal egípcio, sobretudo nas *elegíacas* e *fúnebres*.

Aí é a alma humana que fala, o conceito filosófico que se apura, é a crença dessa imortalidade, que semeia de estrelas a profundez obscura dessas estâncias, que só depois de mais de quarenta séculos foram pronunciadas na nossa linguagem!

A terceira parte do livro, e, se é possível, a mais original, constitui um drama inédito, cujo prólogo tem por protagonista a Morte, por interlocutores uma família em pranto, servindo de coro a essa representação tétrica os ais e as lamentações dos parentes do finado, convivas da desgraça no banquete das lágrimas.

Penetremos essa câmara-ardente: é a sala de uma casa de ciganos na Cidade Nova. As portas escancaradas da alcova mostram aos assistentes um oratório feito de fofos de paninho amarelo, azul e encarnado, com flores da mesma fazenda de cores, guarnecidos de estrelinhas douradas, tudo isso disposto por uma estética especial, em volta de uma estampa da Virgem, pregada na parede.

Por baixo há uma cômoda antiga; sobre ela uma toalha de linho, um copo de água benta, alguns galhos de alecrim, e dois castiçais de vidro, com círios acesos.

A alfazema e o benjoim crepitam no *defumador*...

Um menino atiza o fogo soprando as brasas, e a fumaça condensa-se emovelos, dissipando-se no teto.

No centro da sala, com poucos móveis de jacarandá já arruinados, uma mesa que serve de eça ao cadáver amortalhado em seus caixão.

A viúva corta os cabelos de ébano e os coloca sobre o peito do finado. De pés descalços, desde esse instante, não senta-se mais em cadeira, porém no chão, pelos cantos.

É a penitência do corpo na penitência da alma!

Os convidados, que são todos parentes, chegam...

Soluções, imprecações, ais.

A família, num pranto insofrido, lamenta, de instante a instante, em toada fúnebre, recordando os feitos do morto, e suspendendo no ar as suas roupas amontoadas ao lado e os seus objetos prediletos...

E a mísera no supremo da agonia. Aquele semblante fatigado das vigílias ao leito do enfermo tem alguma coisa de majestoso e severo; aqueles braços em semicírculo sobre os despojos da morte, disséreis as asas de uma visão dos túmulos; por aquela boca que se abre ecoa a voz das sibilas rompendo as faixas do embalsamento.

Ouçamo-la; ouçamo-los no seu *janhar*⁸ que não finda:

— Oh! Como era bom, quando estava em casa ponteando a viola.

Choro e gemidos entrecortados respondem ao lamento.

Diz um parente:

— Quando chegava da rua, cansado, que se deitava naquela esteira...

Uma filha:

— Vejam o último lenço que tinha na mão quando nos deixou. Ai, ai, ai...

A viúva:

— Olhem o chapeuzinho dele; não o botará mais na cabeça. Ai, ai, ai... Que sorte, meu Deus!

— Minha tia — diz um dos circunstantes —, tenha paciência, é este o caminho da verdade.

A viúva:

— Sim, meu sobrinho, sim. Ai, ai, ai! Venha ver como está; parece que está dormindo. Ai, ai, ai... Deus, que sorte é a minha!

Os parentes, vendo o cadáver:

— Ah! Ah, minha tia, como encolheu tanto!

A viúva:

— Sim, sim, é para crescer no céu. Ai, ai, ai!

Um irmão:

— Console-se, minha irmã; ele morreu; resigne-se que a resignação é uma prece que cai no seio de Deus.

A viúva:

— Sim, tenho resignação; mas a dor pode mais que a vontade que temos.

Nesse interim entra um parente lacrimoso, que vem transmitir os pêsames à viúva:

— Então, prima, morreu o primo!

⁸Choro, pranto. Assim chamam eles a sua cerimônia. [Nota do Autor.]

— Ah, não, primo; agora é que ele começa a viver.

O primo:

— Sim, minha prima; dorme-se melhor para acordar no céu. Ai, ai, ai. . .

A viúva:

— Os sapatos que calçava todas as manhãs, depois de os ter engraxado. . . Ai, ai, ai. Tudo, tudo foi com ele; até a luz de minha vida com a dele se apagou.

— Que sorte! Antes as facas me houvessem atravessado, Duvel,⁹ do que ele ter morrido.

Assim velam até o amanhecer, sendo interrompido apenas o *janhar* pela entrada de alguma pessoa, o que dá lugar à angustiada viúva — não todas — a fazer considerações a respeito dos sofrimentos que padecera o marido durante a moléstia e durante a agonia.

Então todos lamentam num recitativo em tom menor, alteando e abaixando a voz, a série das alternativas patológicas até o alento final, o derradeiro suspiro, que nas crenças *calins* é uma escada mística por onde a alma sobe, e vai viver de novo em companhia dos conhecidos e parentes, que a esperam no céu.

No decorrer da melopeia, são escritas e depostas as *mensagens*, em verso, que o defunto tem de levar para a outra vida.

No meio do alarido, das imprecações, do choro, de vez em quando gritos histéricos, agudos e prolongados, desatam-se dos lábios de uma mulher que estrebucha na sala ou nos corredores, a que as ciganas dão o nome de *certas anciãs*.

Depois que sai o enterro, a casa fica deserta; a família muda-se para a de um parente que a abriga sob seu teto pobre, mas hospitaleiro.

Os versos seguintes, comovedores como o vagido dos enjeitados que levam à roda, é o soluçar pungente e agradecido do

⁹Deus. [N. do A.]

órfão, que caminha abraçado ao joelho da caridade:

Perdi minha mãe carinhosa
Que tanto me acarinhava!
Que nos meus males aflita
Chorava quando eu chorava!

Para carpir sua falta
A minha'alma prantos tem!
Felicía, chora comigo,
Era tua mãe também!

Quando perdi minha mãe
Eu julguei de sucumbir,
Agradeço a meu irmão,
Deu-me forças pra sentir.

O *janhar* dura sete dias, isto é, até a missa dos sufrágios.

Na habitação onde se achava a viúva não mais se fazem ouvir os tinidos da viola, porém os lamentos acompanhados dos ais da infeliz, que passara da escuridão da pobreza para a escuridão ainda maior da miséria.

Nesses velórios que se podem prolongar por mais tempo, são improvisadas quadras como as que aí vão, *merendins*, precioso colar de lágrimas enfiado pela morte e roto pelo sofrimento aos nevoeiros que se condensam das avenidas da eternidade.

Com exceções raras as ciganas conservam o luto, a menos que não seja contraindo segundas núpcias, o que dificilmente acontece.

Eis o fundo do *Cancioneiro dos ciganos*. De um lado os destroços de uma sociedade decaída por influências religiosas, e do outro a esperança, o êxtase diante do “ser e do não ser” que eles fitam chorando, como a criança o sol através das lágrimas.

Náufragos de uma civilização extinta, boiam indiferentes sobre as ondas que se assoberbam à mercê do destino, e esperam pela última, por aquela que os arrojará às “plagas desse país desconhecido, cuja fronteira nenhum viajante repassou ainda”.

Na marcha natural do espírito humano pela vereda dos séculos, os brilhos dos fogos primitivos se amortecem, à proporção da distância percorrida.

As lendas, as tradições, os cantos pátrios, vão rolando no passado como num abismo: o que era ontem uma crença é hoje um atraso mental ou uma vesânia e nada mais; o que constituía o orgulho de um povo de outrora é no presente uma aspiração evolutiva; a poesia, que era o seu encanto, é na atualidade uma coisa insignificante ou ridícula.

Entretanto as gerações sucedem-se e o homem retrocede em procura de si mesmo. . .

Perdido na dúvida, ele evoca todas as suas lembranças; pede a tudo que o cerca um fio que o conduza, uma ideia que o ilumine, uma voz que o reconheça!

Um trabalho de reconstrução começa — é o espírito que se desdobra nas correntes da história!

A poesia dos ciganos, de confronto com a poesia dos livros sagrados, apresenta traços de união salientes e de valor. Devido por certo ao seu retraimento, essa população sem pátria reanima com o seu sopro as flamas de inspiração antiga, que nem o tempo, nem as peregrinações têm podido apagar.

Como nos poetas hebreus, nota-se nos poetas ciganos uma necessidade evidente de reconhecer um princípio interno, uma causa ativa, poderosa, inteligente e sensível, o que dá revelo às suas composições espiritualistas.

O estilo dos seus contos populares é na generalidade vigoroso, profundo e melancólico.

O amor para eles é um véu de crepe sobre as esperanças

mortas; e a existência inteira alguma coisa de lúgubre como o séquito dos supliciados.

A forma desses versos é mais ou menos correta, elegante, e desassombrada do parasitismo de vocábulos; o ritmo é corrente, fácil, flexível e sonoro.

Na maioria das quadras a força do pensamento ajusta-se artisticamente à força da expressão: o sentimento, as imagens novas e próprias, e várias outras qualidades do belo plainam na mesma altura.

Não sendo uma obra individual mas impessoal, tendo por substância o sentir geral, humano, verdadeiro, de uma sociedade primitiva e distinta, o cancionero confirma que a poesia do Oriente, muito embora transportada para outros ambientes, conserva a mesma fisionomia, o mesmo tipo característico da raça de onde ela teve origem.

Na vizinhança desses nômades, que aparecem em cada país como uma ameaça e desaparecem como pesadelos longos,¹⁰ escutemos os sons pungitivos que eles confiam à viola que plange, mas não aos outros homens.

Ouvis?

Dir-se-ia o réquiem de um povo.

— São as obras primas da agonia e do sentimento!

MELO MORAIS FILHO

¹⁰Mais tarde, no séc. XX, o estigma do cigano como um invasor, e como um ente nocivo à nacionalidade, apareceria na Alemanha governada pelos nazistas. Na opinião de Hitler, os ciganos eram uma praga racial, a ser erradicada por meio da esterilização ou do extermínio. Produziu-se um holocausto cigano sob o regime nazista, com 600 mil mortos. [N. do E.]

1
LÍRICAS
(KAMBULINS)

Com meus amores, ó Jove,
O povo não sei que tem.
Parece que neste mundo
Nunca se viu querer bem.

Depois de encarar teu rosto,
Tendo vida, já morri;
Porém à noite passada
Em sonhos teu rosto eu vi.

Infeliz me considero
Em todos os meus tormentos;
Quando penso achar venturas
Não acho senão tormentos.

Infeliz de quem suspira
Por ganhar prêmio de amor:

Foge o tempo, foge o gosto,
Em sustos e pranto e dor.

A árvore do amor se planta
No centro do coração;
Só a pode derrubar
O golpe da ingratidão.

Tenho queixas, não dou provas,
Oculto o meu padecer;
Mostro o riso, escondo a mágoa,
Cercado de um desprazer.

A própria mão que formou
O busto da minha fé
Foi o mesmo a derrubá-lo
Deixando o desprezo em pé.

Se vires no teu cordão
A flor roxa serenando,
São as flores da saudade
Que te andam procurando.

A Parca pegou a foice
Para aos meus dias dar fim;
Porém não fez porque sabe
Venturas não são para mim.

Em amar-te eu projetei
Na vida um mar de bonança;
Mas teus desprezos fizeram
Naufragar minha esperança.

Quanto mais tempo se passa
Minha alma mais queixas tem,
Por ela ser ofendida
Sem ofender ninguém.

De contínuo ver frustrar
Tanta crença e esperança,
Té de um Deus a fé se perde
Quem espera e não alcança.

Meu amor para contigo
Não é pra ti duvidoso,
Mas é lei do infeliz
Ser em tudo suspeitoso.

Ter um amor e perdê-lo,
E trazê-lo na lembrança,
Ao seu maior inimigo
Ninguém queira tal vingança.

O cego se entrega àquele
Que o conduz por caridade,
Eu me entreguei sem reparo
Ao rigor de uma saudade.

Se conhece a flor mimosa
Pelo cheiro, no retiro:
Assim se conhece a dor
Pelo arrojo de um suspiro.

Natureza, tu a todos
Prestaste por liberal,
Só de mim te recordaste
Pra triste ideia do mal.

Meu coração não tem respires,
Olha que estás desgraçado,
Pois não podes ser sujeito

A viver atormentado.

Quase sempre anda em conquista
A natureza e o dever,
Pois nesta terrível luta
Bem me custa resolver.

É sempre pra o mal alheio
Que meus olhos prantos têm,
Por ver seguir como a de outrem
A minha sorte também.

Se souberes compensar
Sagrados extremos meus,
Tu verás os meus caprichos
Se confundirem com os teus.

Pisa firme, não receies
Do verdadeiro terreno,
Que o mais é sempre tragares
Grande porção de veneno.

Desertem de mim lembranças

Daqueles dias felizes,
Reparem bem que inda trago
Bem vivas as cicatrizes.

No cenário deste mundo
Sou bem desditoso ator,
Onde todos colhem palmas
Não me cabe uma só flor.

Nos teus aljofarados dentes
As estrelas se retratam;
Tuas frases têm perfume,
Os teus risos me arrebatam.

O teu rosto de moreno
Levemente tem a cor,
Para o poder comparar
Não encontro uma só flor.

Não me perdes, inda sigo-te,
Eu não erro o meu caminho;
Eu de rastos te acompanho,
Tu és a mãe de meu ninho.

Entre folhas escolhi
Cicuta, me envenenei;
Mas tão iludido estava
Que do veneno gostei.

Não é a mágoa que tenho
Que me há de devorar,
É o tormento que sofro
De querer dissimular.

O querer dissimular
É do triste a maior dor,
Pois sem gostar do amargo
Bebe o veneno traidor.

Todos os órgãos esfriam
Se padece o coração;
Pra conhecer as mágoas d'alma
Basta um aperto de mão.

O meu rival não tem alma
Nem coração como o meu;
O que tem é mais ventura,
É mais feliz do que eu.

Em amar-te resoluto
Calquei aos pés a razão;
Fiz um roubo à natureza
Pra ganhar teu coração.

Bem males te tenho dado
Sem ter vontade de dá-los,
Porque piso os teus caprichos
Sem ter pés para pisá-los.

No terreno de minh'alma
Houve grande mortandade:
Morreram glórias, caprichos,
Morreu bem triste a vaidade.

Minha vida representa
Um drama de triste cena;
Teve por tinta o meu pranto,
O meu gemido por pena.

Natureza, tu sucumbes
Unindo amor ao dever.
É loucura! Em peito de homem
Não tens tão grande poder.

Saudade, teu nome é doce,
Parece que nada diz;
No entanto quem te sofre
Nunca pode ser feliz.

Os espinhos de uma flor
Que extremos meus cultivaram,
Rasgando-me os seios d'alma
Na ferida se entranharam.

Pela dor que então senti
Triste pranto derramei,
Mas por serem de quem eram
Da ferida não tirei.

A natureza em formar
A flor que chamou-se rosa,
Quis fazê-la tão perfeita
Que a tornou defeituosa.

Se essa agulha fosse enxada,
Esse lenço terra dura,
Nele mesmo eu cavaria
Minha triste sepultura.

Nada tenho para dar-te
Mesmo sendo generoso,
Eu nunca tive um desejo
Que não fosse desditoso.

Brilha a flor nos teus cabelos
Como o sol nos horizontes. . .
De te ver e não gozar
Meus olhos são duas fontes.

Tenho um cálice com veneno
Pra findar minha existência:
O cálice é teu amor,
O veneno tua ausência.

Sonho contigo dormindo,
Sonho contigo acordado;
Sonho contigo falando,
Sonho contigo calado.

Tu te foste e eu fiquei,
Ó prenda d'alma querida;

Queira Deus que quando voltes
Inda me encontres com vida.

A honra, a glória, o prazer
Têm o seu devido templo;
A dor, tormento e tristeza
Formam em mim seu exemplo.

Como o poeta ama a flor,
Como o cristão ama a cruz,
Eu adoro a tua imagem
Por ver nela a minha luz.

Minha vida foi qual nuvem
De negras cores cercada,
Hoje é céu onde refulge
Brilhante estrela engastada.

Botei-me a chorar de saudade
Defronte do meu jardim;
As flores me responderam —
Cala, que tudo tem fim.

Quando a rosa despe as folhas
Não é culpa do cultor;
Culpem o tempo primeiro
Que foi seu destruidor.

Os ferros d'el-rei são duros,
Mas o de amor é mais forte;
Para os d'el-rei há a lima,
Para o de amor só a morte.

De que me serve ter vida
Se não te posso gozar?
Vivo triste dia e noite
Sem te poder adorar

Eu quisera uma esperança
Inda que fosse enganosa,
Para entreter a minh'alma
Que do mundo é tão queixosa.

Todos têm mágoas e penas
Que com o tempo desvanecem;
As minhas, pelo contrário,
Quanto mais tempo, mais crescem.

Às vezes, estando em silêncio,
Consulto comigo só,
Não acabei da consulta,
Olhei pra mim, tive dó.

Quem não pode se assemelha
Ao mimoso passarinho,
Que lhe cortaram as asas,
Que lhe privaram do ninho.

Quando o manto da tristeza
Enlutecer tua vida,
Tem consciência que a minha
Já de luto está vestida

Trago em gelo o coração,
Meu peito não tem calor,
Nas distrações que procuro
Mais se aumenta a minha dor

Foi na tua realeza
Que criei soberania,
Me levantaste da queda

À proporção que eu caía.

Em sonhar com a ventura
Mesmo em sonhos fui feliz,
Acordei-me e conheci
Que meu mal vem de raiz.

Fenecem todas as glórias
Se a nossa razão se apura
Na irrisão infeliz
De nossa pouca ventura.

No berço do coração
Eu ninei uma criança,
Essa me foi adversa
Por se chamar Esperança.

Como pode o infeliz
Sem asas poder voar?
É como o triste sem forças,
Com alma pra desejar.

Busco em mim mesmo recursos

Para o meu mal esquecer,
Reviver faço esperanças
Que as mesmas já vi morrer.

Quem não nasceu pra sofrer
Desafiar pode os fados,
Que os próprios deuses respeitam
Os deuses afortunados.

Não toquem na cicatriz
De uma ferida fechada,
Há um ai quando se apalpa
Qualquer parte magoada.

Venho trazer-te o meu pranto
Já que nada mais possuo,
Por sentir a tua falta
No meu chorar continuo.

Ó vida de minha vida,
Eu bem procuro esquecer-te,
Já que não tenho esperança
De te encontrar, nemj de ver-te.

Do zelo cruel veneno
Bebi porção que me mata,
O fogo que me devora
É ser-me a fortuna ingrata.

Vi meus desejos subirem
Aos ferros da guilhotina,
O triste tinir dos mesmos
Bem demonstra a minha sina.

Vi morrer minha esperança
Quando se ostentava bela,
Hoje a pena que me resta
Foi eu não morrer com ela.

Este mundo é penha dura
Com veredas escabrosas,
Faz-se mister passos firmes
Ou estrelas luminosas.

Quem vive subordinado
Como eu à lei tão dura,
Não pode sorrir nas glórias,
Nem chorar na desventura.

Entre caminhos de abrolhos
Me guia a sorte infernal,
Eu desvio o meu abismo
Na luzerna do meu mal.

Foi por ti que tive glórias,
Foi por ti que a vida amei,
É por ti que tantas dores
No meu peito consagrei.

Meu natural e meu vício
Se casaram sem vontade,
Dera à luz meu desgosto
Com grande fecundidade.

Plantas há da mesma espécie
Com diferença na cor,
Não sei a quem torne a culpa,
Se ao tempo, tronco ou cultor.

Das árvores se aparam galhos
Para melhores nascerem;

Os meus foram decotados
Para sombra não fazerem.

No mundo de tantas glórias
Vivo eu sempre chorando,
No centro de tantos males
Passa o tempo e eu vou ficando.

Eu caminho sempre triste,
É meu mal meu companheiro,
Inda é mais do que cruel
Que afagando é traiçoeiro.

Vou-me embora para longe,
Porém deixo o coração;
Tome conta dele — é guarda
Das portas da gratidão.

Vem cá, minha formosura,
Meu delicado jasmim,
Não sei como a dura sorte
Quis que fosses para mim.

Destruir não pode o tempo
O que a mágoa faz crescer;
Não posso curar meus males,
Mas sentir é meu viver.

Um peito que é magoado
Desterra toda a paixão,
Amor não pode morar
Onde mora a ingratidão.

Tenho queixas do meu mal
por ele me ser traidor,
Por não mostrar na aparência
O que faz no interior.

Às vezes choro em silêncio
De mim mesmo condoído,
Quando revivo a lembrança
Do quanto tenho sofrido.

Todos têm o seu prazer,
Nem sequer fingido eu tenho;
O cofre do coração
Cheio de dores contendo.

O querer e não poder
É verdugo capital;
Desertem de mim lembranças
Que tanto agravam meu mal.

Se querem que os olhos d'alma
Vertam pranto amargurado
Debuxem na fantasia
Lembranças do meu passado.

Julguei ter valor de sobra
Pra resistir ao mal,
Não se liga por sei
Não se liga ao natural.

A minha sorte enfeitada
De perene brilhantismo,
Deu-me luzes no princípio
Para mostrar-me o abismo.

Minha sorte trovejou,
Um dos trovões me feriu,
Negra ferida incurável

No meu coração abriu.

Tenho horas que não sei
Se possuo coração,
Se ele existe ou não existe,
Se se desfez na aflição.

Queria sofrer meus males
Não com tanta veemência;
Queria resignar-me,
Sofrê-los com paciência.

Feridas que d'alma nascem
Nunca mais podem ter cura;
Curar o tempo não pode,
Só as cura a sepultura.

O amor que te consagro
É leal, é verdadeiro;
Há de fugir-me do peito
Fugindo esta alma primeiro.

Eu sofri um triste golpe

No tenro da minha idade,
Sofrerei sem ter alívio,
Pois d'alma perdi metade.

Ao pé da fonte chorei
Por estar de meu distante,
Mas esse pranto comprova
Que sou firme, sou constante.

O cultor que colhe a rosa
Teme o espinho da flor;
Fica envolvido em certeza,
Fica sem rosa e sem dor.

Ó meu Deus, cura a ferida
Que o destino me tem feito,
Que os suspiros de minh'alma
Já não me cabem no peito.

Não nasci em palhas de ouro,
Porém fui bem educado,
Nos desacertos do mundo
Tenho sido desgraçado.

Ó meu Deus, pergunto eu:
Vós também não sois meu pai?
Por que causa os de outros males
Sobre mim é que recaem?

O pensamento do triste
Traz consigo uma visão;
Eu não ofendo a ninguém,
Ofendo ao meu coração.

Até no pranto sou pobre
Porque não posso chorar,
Mas eu sei por que me falta
— É pra não aliviar.

A sorte secou-me o pranto,
Os meus ais não têm saída;
Minha dor não tem farol
Pra se tornar conhecida.

Os males que me circundam
São como as ondas do mar:
Atrás de umas vêm outras,
Sem nunca poder cessar.

Os males comunicados
São sentidos por metade,
Mas aqueles reprimidos
Estragam sem piedade.

Dizem que o pito alivia
As mágoas do coração;
Eu pito, pito e repito
E as mágoas nunca se vão.

Em umn mimoso jardim
Um passarinho cantava,
A minha'alma de queixosa
Em nada se embelezava.

Criei-me com meus gemidos,
Neles encontro sabor;
Eu nunca tive um prazer
Sem ter um fundo de dor.

Tu és mais que minha mãe,
Mais que meu pai, que meu Deus;

Tu dás vida a minha vida,
Mesmo com desprezos teus.

Duas correntes pesadas
Eu arrasto sem poder:
É uma a do meu capricho,
A outra do meu dever.

O tempo pediu ao Tempo
Que tempo o Tempo lhe desse,
Para fazer com o tempo
Tudo que o Tempo quisesse.

Já gozei terna esperança
De estreitar em ternos laços
Aquele que me afagou
Entre o calor de seus braços.

Quantas vezes me praguejo,
De mim mesmo sou rival
Quando vejo que seu gênio
É a causa do meu mal!

Eu cultivo sete *flores*¹¹
Cada qual com mais esmero;
Eu por elas dou a vida,
Por elas a vida eu quero.

Quando cantas, passarinho,
No tronco seco e quebrado,
Simbolizas meu viver
Que canto por magoado.

Quando durmo, te retrato.
Quando acordo inda te vejo.
Mas quando falo contigo
Só me responde o desejo.

Um suspiro serve às vezes
A outro de sentinela;
Quando um foge o outro conta
A dor que a alma flagela.

Fui algemado de flores
Sujeitar-me a teus carinhos;
Depois que as flores murcharam
Tive sentença de espinhos.

¹¹Filhos. [N. do A.]

Não cantes, triste avezinha,
Tão triste junto a meu leito;
Não confundas teus gorjeios
Com gemidos de meu peito.

De alegres campos, aligero
Cantor eu fui mavioso;
Hoje — pass'ro da espessura —
Meu cantar é lamentoso.¹²

Quereis ouvir os meus cantos?
Cantarei, não como outrora,
Que impõe preceito aos meus risos
A dor que comigo mora.

Canto tristezas e mágoas,
Do tempo ido as lembranças;
Canto desgostos e penas,
Canto o adeus das esperanças.

Fundas saudades sem fim,
Perene fonte de prantos,

¹²Mantivemos para esta quadra a grafia original, de 1885. [N. do E.]

Queixas amargas, sentidas,
Explicam hoje os meus cantos.

Pra não completar-se o gozo
Fora melhor não gozar,
Que o prazer dado às parcelas
Não se pode apreciar.

Tudo na vida é ilusão
Mistério que ninguém sabe,
É real só o desgosto
Que a todo vivente cabe.

Infeliz por querer bem
Condenei-me a eterna lida,
Que há gozos d'alma malditos
Para próprio escárnio da vida.

Arranquei meu coração
E a teus pés o atirei,
Tu o pisaste sorrindo,
Mas austero eu me vinguei.

Eu abracei-me à desgraça
Guiado por lei fatal;
Satisfiz a tirania
De quem tanto me quis mal.

Nasci livre, mas escravo
De teus favores me fiz;
Dum senhor tão generoso
Ser escravo é ser feliz.

Se a terra se torna às vezes
Para mim céu luminoso,
É dele o sublime astro
Teu coração generoso.

De ninguém ter compaixão
De me ver no mal tão só,
Fiz-me segunda pessoa,
De mim mesmo tenho dó.

De nada vale a cautela,
De nada vale o fugir,
Quando a sorte quer por força
O desgraçado punir.

Quando solto os meus suspiros
É com tanta veemência
Que com eles se evaporam
Porções de minha existência.

Quem tiver um amor firme
Não blasone que é só seu;
Pode vê-lo em braços de outro,
Pode chorar como eu.

Lavo os olhos com meu pranto
Mal desponta a luz do dia,
Quando me acordo e me vejo
Sem a tua companhia.

Perdi tudo quanto eu tinha,
que me resta agora estão?
— Penas, pobreza, desgostos,
Saudades no coração.

Vi morrer uma por uma
Todas as crenças que eu tinha:
Hoje sem elas praguejo
Uma vida como a minha.

Entre os alheios afazeres
Também me finjo alegrar;
Suspiros que guardo n'alma
Só nas trevas vou soltar.

Jurei de morrer calado,
Ocultar o meu tormento;
Mas a dor chegou-me n'alma,
Quebrei meu juramento.

Pelejava com um mal,
Sem nunca me achar sujeito;
Quebrou-me a sorte a constância,
Já me curvo ao seu efeito.

Vejo prescrito por lei
Tudo que nasce tem fim,
Só não vejo terminar
O mal que gerou-se em mim.

Quando julguei que tu eras
A coluna de firmeza,
Foste a pessoa mais falsa

Que criou a natureza.

Quem quiser criar amores
Pra ninguém desconfiar,
Quando olhar não deve rir,
Quando rir não deve olhar.

No altar do sentimento
O silêncio é a oração;
Quando os lábios emudecem
Melhor fala o coração.

Eu contenho os meus desejos
Rodeado de pesares
É pena certos caprichos
Se perderem nos azares.

Tu não sentes minha dor
Porque ela não é tua,
Pois é raro haver quem sinta
Uma dor que não é sua.

Vejo o raio, ouço o trovão,

Nunca tanto me assustei
Como me assusta a lembrança
De que não mais te verei.

Das formosas açucenas
Que esmaltavam teu jardim,
Eu possuí a ventura
De colher uma pra mim.

Sinto perfumes de flores,
Contemplo estrelas brilhantes,
Mas não vejo o sol ardente
Que dá vida aos meus instantes.

Na madrugada de amor
Tudo são cravos e lírios;
De noite — roxas saudades,
De dia cruéis martírios.

Os meus deuses lá dos céus
Não têm tesouros iguais;
Nos olhos de minha amada
Eu diviso um céu de mais.

O meu coração é mudo
Não fala, não aparece;
Se o meu coração falasse
Eu diria o quanto padece.

Violei do amor as leis,
Ante elas sou culpado,
Mas pelas penas que tenho
Vive o amor de mim vingado.

Sem esperança de um dia
Poder me rir satisfeito,
Vou me rindo para todos
Com um riso contrafeito.

É feliz, é venturoso
Quem logo pode acabar,
Eu como sou desgraçado
Vou morrendo devagar.

Acostumei-me a chorar
Por de há muito não sorrir,
Estranho às vezes até
Quando passo sem sentir.

Não sei qual seja o destino
Que os fados me querem dar,
Quanto mais penas eu choro
Mais penas tenho a chorar.

Pensei que vencer trabalhos
Dependesse do valor,
Só vence aquele que tem
A fortuna a seu favor.

Eu pensei que neste mundo
O sentimento valia,
Usei dele sem saber
Que a desgraça o desafia.

Enfraqueceu meu alento,
Duplicou-se o meu sentir;
Criaram força os meus males
Pra me fazer sucumbir.

Na conta dos meus tormentos
Meu coração não estales.

Pois se tu pasmas na soma
Não posso contar meus males.

O sol, que soberbo nasce,
A flor que em sua haste brilha,
Junto a ti perdem os raios,
O sol foge, a flor se humilha.

O que mais dura na vida
São os bens que praticamos,
Porque neles nosso nome
Eternamente gravamos.

Há quem seja ré de morte
Sem consciência de o ser;
Digam, se podem, teus olhos,
Se não nos fazem morrer.

Queria subir ao céu,
Ter com Deus um argumento,
Saber Dele para quê
Deus aos pobres sentimento.

Quando se abriga a ventura
Em coração sem grandeza,
Retrata um brilhante em trevas,
Sem ação de realeza.

Quanto mais calado estou
Mais a minha pena eu digo,
Porque meu silêncio expressa
A dor que trago comigo.

Em demanda da ventura
Corri tanto que cansei;
Descoroado da sorte
Entre abrolhos me assentei.

Digo ao rio, dessas pedras,
Que corre com mais brandura,
Que não aumente as lembranças
De quem nasceu vem ventura.

As pedras da cachoeira
uma a uma vão rodando,
Assim vão os meus parentes
Pouco a pouco me deixando.

Com mágoas no coração
Também vive o potentado,
Quanto mais eu que já estou
Com elas acostumado.

Tantos ais, tantos suspiros
Que se dão pela calada...
Meu coração sabe tudo,
Minha boca não diz nada.

Só se acostelam desejos
Quando não têm rompimento
Se desconfiam da sorte
Por ter triste o nascimento.

Resistir com tantos males
Não é coragem, meu bem;
É querer ter a constância
Que os próprios deuses não têm.

Rosa, pede, eu também peço
Ao Senhor Desagravado,
Que glórias conceda àquele

Que tanto nos tem prestado.

Quis a minha desventura
Que eu fosse flor delicada,
Para agora estar sentindo
Ser da sorte maltratada.

Para uns glórias tamanhas,
Para outros nem pequenas;
Para uns tantos sorrisos,
Para outros tantas penas!

Saudade de um bem perdido

— Que insuportáveis que são
As penas que eu hei sofrido!
Ausências, vivas lembranças,
Saudade de um bem perdido!

— Eu vivo sem esperanças,
De glória destituído.
Só tenho prantos, angústias,
Saudadede um bem perdido.

— A impetuosa corrente
Dos prantos que eu hei vertido
Tem origem na profunda

Saudade de um bem perdido.

— Do vasto jardim da vida
Só espinhos tenho tido.
Um deles significa
Saudade de um bem perdido.

— Eu quisera já morrer
Ou nunca ter existido.
Só assim não sofreria
Saudade de um bem perdido.

— É melhor nunca gozar
A posse de um bem querido!
Para depois não sofrer
Saudade de um bem perdido.

Tu és. . .

Tu és a estrela d'alva;
Eu, a nuvem da tormenta.
Tu o lírio, eu a saudade
Que de prantos se alimenta.

Tu és o dia, eu a noite.
Tu és o prazer, eu a dor.
— Dá-me luz, dá-me sorrisos,
Dá-me o céu do teu amor.

Tu és o sol que iluminas
A tudo na natureza;

Tu és a vida, eu a morte,
Tu a glória, eu a tristeza.

Dá, mulher, que um desgraçado
A quem malfadou a sorte,
Possa a vida receber
Das mãos de quem deu-lhe a morte.

Despedida

Partirão! E assim os fados
Tudo que é meu vão roubando.
Até de meus próprios filhos
Vão cruéis me separando.

Paciência! Eu nasci triste
— Tudo ao triste é natural;
Fora a mim estranha a glória,
Nunca prantos no meu mal!

Adeus pois, meus pobres filhos.
Segui o destino vosso,
Já que eu por infeliz
Ter-vos comigo não posso.

2

ELEGÍACAS

(KACHARDINS)

Para contar os meus males
Meu natural me contém;
As sepulturas têm flores,
A minha vida não tem.

Quando o réu é infeliz
Mesmo com razão tem crime;
Sua defesa não vale,
Sua inocência o oprime.

Se houver um ente que sofra
Ainda mais do que eu,
Digam ser meu mal mentira
E zombem do pranto meu.

Sofro às vezes tantas dores
Que adormeço soluçando,

A mim mesmo sou contrário,
O meu pranto motivando.

Triste às vezes como a noite
Se torna o meu pensamento,
Porque das glórias que tive
Resultou meu sofrimento.

Quando a morte a mim te roube,
Quem velará sustos meus?
Como hei de viver sem ti,
Como hei de dizer-te adeus?

O meu peito é um país
De tormentos povoado
Lugar de onde, para sempre,
O prazer foi desterrado.

O precisar é do triste,
O prestar é do ditoso;
Sente o triste por metade
Se o prestante é generoso.

Quem para mostrar grandeza
A escassa esmola cede,
Em vez de curar agrava
A fraqueza de quem pede.

Pode dar largos tesouros
Quem dá por mostrar grandeza;
Mas quem dá por gratidão
Mesmo assim é já fineza.

Até nas flores se encontra
A diferença na sorte:
Umam enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte!

Hei de lutar braço a braço
Com o meu ferino mal,
Até que acendam-se as tochas
Do meu triste funeral.

Eu cultivei uma planta
Que flor e palmas me deu,
Ao depois que ela faltou-me
Ninguém mais triste que eu.

Eu chamo existência aquela
Que tem parte no gozar,
Mas se tudo é sofrimento
Não é gozar, é penar.

Este mundo é mar completo
Com três estações de dores:
Nascimento, Vida e Morte
Num milhão de dissabores.

Tantos entes neste mundo
Desejam a minha vida,
Sou flor de bela aparência
Mas dos males perseguida.

Morre-me o riso dos lábios
Mal apenas é nascido,
Dura pouco a distração
No coração que é sentido.

Batizei a minha dor,
Pus-lhe o nome de constante,
Foi seu padrinho fiel

Um gemido agonizante.

Quantas vezes um suspiro
Trai o que noss'alma sente!
É linguagem de quem vive
Da ventura descontente.

O feliz nunca despreze
O pobre, por desgraçado,
Que brilhos a alma não tem
Que possam com a lei do fado.

Grande sábio desabafa
Sua mágoa em escrever;
O néscio, pelo contrário,
Desabafa em maldizer.

Tudo é nada, porque tudo
Do nada foi extraído:
A vida, a existência, a morte,
São ilusões do sentido.

Sou um corpo inanimado,

Existo sem ser ninguém;
Sou como o órgão vibrante
Que fala, e alma não tem.

Quem trair a boa fé
Nem de Deus espere o bem;
O condenado não presta
Nem pra si, nem pra ninguém.

Sempre sofro, e quando gozo
São tão breves meus prazeres,
Como em sonhos que se esvaem,
Imagens de falsos seres.

As mágoas são minhas,
Nem eu as posso deixar;
Ficarão na sepultura
Se minh'alma as não levar.

O mendigo que impetra
O óbulo da caridade
Talvez não sofra tanto
Como quem sente a saudade.

A luz da minha esperança
Foi farol e se apagou;
Foi passarinho cantando
Que pelo tiro tombou.

Nas manhãs de primavera,
Quando vem rompendo o dia,
Riem-se as flores no Prado,
Eu choro minha agonia.

Minha vida se retrata
Como um túmulo da aparência:
Por fora sinais de glória,
Por dentro triste existência.

Cruzaram-se os meus extremos,
Essa cruz foi meu delírio;
Foi uma fé desgraçada
Quem formou o meu martírio.

Há dores que por agudas
O respirar não nos deixa,
Sufoca a própria existência,
Morre nos lábios a queixa.

Por si mesmo se faz triste
Quem tristes lembranças tem;
Por erros de pensamento
A alma sofre também.

O infeliz só no pranto
Suas mágoas alivia:
Trago a noite dentro d'alma
Pra não mais romper o dia.

Quem não pode é como o verme
Que pelo pó se desliza,
Que além de ser esmagado
Beija os pés de quem lhe pisa.

Bem trabalha o infeliz
Pra qualquer causa vencer;
Por diminuta que seja
Bem se expõe a padecer.

A ilusão nos faz seguir
Por enfeitados caminhos,

Pra depois oferecer-nos
Em vez de flores espinhos.

Este mundo é um teatro
E nós os representantes,
Mas só os felizes podem
Fazer os papéis brilhantes.

São dois batalhões distintos
A ventura e a desgraça;
Quem tem praça no primeiro
O seu serviço realça.

Cantei as flores da vida
Embalsamado por elas;
Hoje, perpétuas saudades
Se trocam por aquelas.

A eterna despedida
Do ser que em noss'alma impera,
É como a flor expirando
Ao adeus da primavera.

Ao rigor de tantos males
Até parece impossível
Resistir meu coração
Sendo parte tão sensível.

A natureza institui
Para depois destruir;
Mais dura lei do que esta
Não pôde constituir.

Eu solto tristes suspiros
Opressos pela tristeza,
Para depô-los com dor
No altar da natureza.

Admira o coração,
Sendo parte tão corrupta,
Respeitar o senso altivo
Na sua renhida luta.

Há males que não definham
Nem com goteiras de pranto;
Admira um peito humano
Ter alento para tanto.

É destino, é fado ou sorte;
Quer seja burla ou verdade,
Não há quem possa obstar
A mão da fatalidade.

Em completo esquecimento
Colocou-me a cruel sorte,
Sem poupar-me sofrimentos
Recusando dar-me morte.

Eu sou triste como é triste
Da lua o frouxo clarão
Quando reflete na campa
De quem viveu na aflição.

Sou árvore de nenhum fruto
Que nenhuma graça tem
Por falta das circunstâncias
Jão não sei quem me quer bem.

É feliz esse que diz
Que sua mãe ainda tem,
Depois que perdi a minha
Já não sei quem me quer bem.

Eu tive uma causa outrora
Que promovia o meu pranto;
Voltar atrás não desejo,
Mas tenho estranhado tanto¹³

Há infelizes no mundo
Que têm pranto pra verter;
Eu nem prantos, nem gemidos,
Que possam meu mal valer.

Como o vampiro da noite
Minha esperança raiou;
Se ainda gozo a existência
Foi calor que ela deixou.

Alma no peito não tenho,
Que há muito se separou;
Os movimentos que faço
Foi calor que ela deixou.

Um sorriso dos meus lábios
Não é sorriso, é gemido;
É um sorrir obrigado,
É um gemer oprimido.

¹³O verbo estranhar, neste caso: sentir nostalgia. [N. do E.]

Um sorriso dos meus lábios
Não é sorriso, é gemido;
Do sentir mudei a forma
Pra não ser aborrecido.

A tempestade dos males
Que sobre mim desabou
Varreu-me os prazeres d'alma,
Triste, bem triste a deixou.

Morre, quem deve viver;
Vive, quem deve morrer;
Os contrastes deste mundo
Eu não os posso entender.

Deus não criou infelizes,
Os infelizes se fazem.
Mas quem pode interromper
O destino que eles trazem?

Deus não criou o destino;
Deus cruel não pode ser,
Que sacrifique a inocência
Logo após o seu nascer.

Só na morte encontra a vida
Quem na vida a morte tem;
Por isso eu desejo a morte,
Por querer viver também.

Não quero que plantem flores
Sobre a minha sepultura,
Porque flores nunca teve
Quem viveu na desventura.

Na negra eça do peito
Trago morto o coração,
Meu semblante é epitáfio
Com bem sombria expressão.

Meu passado foi sem glórias,
Meu presente inda é mais triste;
Até tu mesma, esperança,
Sem pena de mim fugiste.

A saudade tem defeitos
Assim mesmo sendo flor,
Por parecer-se comigo,

Por igualar minha dor.

Bem triste foi para mim
O tempo da mocidade:
Foi primavera sem flores,
Foi dia sem claridade.

Deus criou o pensamento,
Encarnou na liberdade;
Vai a Deus, não é válido,
Custa a crer mas é verdade.

Meu destino e meu estado
São um contraste terrível,
Pra poder harmonizá-los
Me tem tornado impossível.

Sofrer e depois gozar,
Gozar e depois sofrer
Eis o quadro que habilmente
Ao mundo vejo envolver.

Certos pontos luminosos

Que dão brilho a minha sorte,
Têm semelhança com o raio
Que ilumina e deixa a morte.

A saudade é flor mimosa,
É flor da minha paixão:
A saudade bem explica
Dores do meu coração.

Eu sempre digo a minha alma
Que ao corpo negue o calor,
Que voe, deixe a matéria
Em triste e baço palor.¹⁴

Alma no corpo não tenho;
Minha existência é fingida;
Sou como o tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida.

Alto Deus, tudo no mundo
Sublimemente formaste;
Mas onde a glória das cruzes,
Do cálice que me ofertaste?

¹⁴Em triste e baço palor, isto é, em triste e baça palidez. [N. do E.]

A flor de minha esperança
Expandia perfume santo,
Hoje triste se retrata
No lago que faz meu pranto.

Eu encontrei-me com a morte,
Falei-lhe, não tive medo;
Porém ela respondeu-me:
— Sofre mais que ainda é cedo.

Bem cedo vi apagar-se
De minha existência a luz,
Das saudades que me matam
Carrego pesada cruz.

Minh'alma provou a morte
Na morte de uma esperança;
Não morreu por imortal,
Mas passou pela provança.

Nas procelas desta vida
Não há quem bonança goze,
No cálice dos sofrimentos

Cada qual tem sua dose.

Nas cavernas de meu peito
De martírios torturado,
Geme aflito o meu desejo
Como um triste condenado.

Não amar ateu a Deus
É seu crime imperdoável;
Mas quem nele crê, e erra,
No que é nisso culpável?

Quando o monarca é guerreiro,
É soberano e soldado;
No docel abraça o grande,
Na cabana o desgraçado.

Eu com vida me debruço
Às margens da sepultura,
Já que os vivos não consolam
Um filho da desventura.

A virtude sobre a terra

É peregrina andrajosa;
É mártir que pede esmola
Sempre dos homens queixosa.

Sem ter vida tenho vida,
Vivo, morto vou vivendo,
Vivendo por ter desejos
Para cumpri-los, morrendo.

A virtude sobre a terra
É no céu recompensada;
O ciúme, que é perverso,
Tem no inferno morada.

Crava o punhal no meu peito,
Quebra a folha na ferida,
Já que os capricbos da sorte
Deixam minh'alma rendida.

Quando se inflama o enxofre
Sufoca, porém não mata:
Assim é o infeliz
Que a dura sorte maltrata.

Para explicar o que eu sofro
Eu já não tenho expressão,
Trazendo os risos nos lábios,
A morte no coração.

A virtude em seu zênite
indescritível se torna;
É pena quando a ventura
Com seu brilho a não adorna.

Os monumentos baqueiam,
A glória desaparece;
Mas uma ação meritória
o peito sempre enobrece.

Quereis um quadro da vida?
Ei-lo — o dia vem raiando!
Despertam, felizes, rindo,
Os desgraçados chorando!

E é esta a contingência
Da infeliz criatura.
Sofrer dores, sofrer penas,
Enquanto a existência dura!

Mas um Deus que tudo espreita,
Equilibrando a balança,
Abre os seus seios àqueles
Que Nele têm confiança.

Por onde outros males findam,
O meu mal principiou;
Choro pois cruéis martírios
Que nunca ninguém chorou.

O que a Deus nos recomenda
Não são por certo os brasões,
Mas sim a constante prática
De meritórias ações.

Sentir mais do que se deve
Não é ação de entendido,
Mas eu sinto no extremo
Por estar da sorte ofendido.

Infeliz de quem nasceu
Por mau destino guiado,
Há de chorar sem remédio
Como eu tenho chorado.

O sol, que pra todos nasce,
Só para mim se escurece;
Chego a ser tão desgraçado
Que até o sol me aborrece.

Mais vale a tosca palhoça
Onde nela o riso mora,
Do que palácios dourados
Onde no ouro se chora.

Ninguém foge ao seu destino
Por mais esforços que faça,
É mister curvar a fronte
Ao império da desgraça

Mesmo morto desconfio
Que a desgraça em mim se entranhe,
E que na paz do Senhor
Ela minh'alma acompanhe.

O dia de minha morte
Um dia será de menos

Em que eu não prove da vida
Os requintados venenos.

Quem desconfia da sorte
Caminha sempre assustado,
Mesmo nos seios da glória
Traz o mal fantasiado.

Eu não sou eu, é engano,
O meu eu já se extinguiu;
Hoje o eu que represento
É sombra do que fugiu.

Quem não nasceu pra gozar,
E só pra sofrer existe,
Não deve estranhar a dor
Que é patrimônio do triste.

As próprias pedras se ligam
Com as que lhes cabem por sorte;
Só não se ligam ingratos,
Salvo na terra, por morte!

Da vida os primeiros passos,
Quando eles são errados,
Deixam sinais indeléveis
Que sempre serão chorados.

Quando os felizes se queixam,
Os desgraçados exultam;
Pois ao menos nessa hora
Do triste a dor não insultam.

Há em tudo tal limite
Que o que passa ou falta, é vício!
Té acanha a própria planta
Se é demais o benefício.

Já morri! Não foi de morte
Que a vida interrompe e finda;
A morte que me feriu
Mais cruel parece ainda.

Foi ela a que mata e extingue
D'alma o gosto de viver,
Que sem nos tirar a vida
Nos faz mortos parecer.

Além do poder de Deus
Não acho poder nenhum
Com força de remover
A sorte de cada um.

Eu tenho horas na vida
Tão cheias de mágoa e pranto,
Que sobreviver a elas
Eu de mim mesmo me espanto.

Quem chegou por infeliz
A perder as esperanças,
É morto — porque de vivo
Tem bem poucas semelhanças.

Por muito que o infeliz
Contra os males se previna,
Há de passar por aqueles
Que lhe marcou sua sina.

Todos me pedem sorrisos,
Que risos posso dar eu,
Se minh'alma só tem penas,
Se meu corpo já morreu?

Pode acaso ter perfumes
Uma flor que emurcheceu,
Ou conservar esperanças
Um coração que descreu?

Assim, não peçam sorrisos
A quem pra sorrir morreu;
Antes provoquem meu pranto,
Que só prantos tenho eu.

Não sei como inda um sorriso
Pode encontrar expressão
Nos lábios de um desgraçado
Quando é morto o coração.

Perdi de todo a esperança.
Ai, meu Deus, o que farei?
— Chorar com aquelas lágrimas
Que por fé tanto as poupei.

Quis em mim, a fé, por triste,
Exemplo fatal fazer;
A fé, que dizem não morre,
Só em mim veio morrer.

Tanto poder contra mim
As desgraças exerceram,
Que os meus naturais caprichos
Pouco a pouco se perderam.

Quando me virem chorar
Não perguntem a razão,
Que há dores que não se dizem,
Só as sente o coração.

Não têm origem as glórias
De acasos que o mundo cria;
São produtos poderosos
Do destino que nos guia.

Num mundo de tantas glórias
Só minh'alma se entristece,
Como a saudade entre rosas
Que em fino jarro amortece.

Que eu possa fugir aos males
Ninguém se anime a dizer,
Pois só os pode evitar
Quem já não tem de os sofrer.

Adormecido entre flores
A minha infância eu passei,
Hoje que estou acordado
Só entre espinhos me achei.

Eu não desejo riquezas,
Nem desfrutar-lhes o gosto;
Peço a Deus pobreza humilde
Sem remorsos no meu rosto

Minha dor toca ao extremo,
Dura lei pra mim eu fiz:
Acostumar-me a esquecer
Aquilo que eu tanto quis.

Como não hei de ser triste,
Como não hei de queixar-me,
Se de um Deus a providência
Foi a primeira a deixar-me?

De um tronco de flóreas ramos
Que a fortuna acarinhou,

Eu fui um galho enfezado¹⁵
Que a sorte amaldiçoou.

O mundo é mau julgador,
Não dá razão a quem tem;
Pratica contra o direito,
Confunde o mal com o bem.

Condenou-me a lei do fado
A viver sempre chorando,
Quando as glórias de mim fogem
Entre penas vou passando.

Nas horas de ermo silêncio,
Meu Deus, quando penso em ti,
Por obra tua os meus males
Se consolam entre si.

Ó morte, por que não vens
Cortar meus dias fatais?
Um infeliz como eu
É bem que não viva mais.

¹⁵Um galho mirrado, magro. [N. do E.]

A dor da morte é imensa,
Sofrê-la eu quisera embora,
Pois não é como a da vida
Que se sofre a toda hora.

Atado ao maior desgosto,
Qual Prometeu da desgraça,
Nos seios de mil riquezas
Minha alma em martírios passa.

Há uma espécie de plantas
Que vingam sem ter raízes:
Assim são certos sorrisos
Nos lábios dos infelizes.

Em cada passo que dou
Minh'alma sofre um desmaio,
Porque me assaltam lembranças
Que fulminam como o raio.

No círculo dos infelizes
Eu sou espectro da sorte,
Trago comigo amarguras
E as agonias da morte.

Não sei se é coragem minha
Ou falta de compreensão,
O perceber que a desgraça
Não mata meu coração.

Por que choras tu, *meus olhos?*
Por que suspiras, meu peito?
Não sabes que o infeliz
Traz a sorte a dor sujeito?

Assim, pois, não chores mais
E deixa de suspirar,
Faz um esforço e procura
A ti mesmo consolar.

Não quer o mundo que eu chore
Dando provas do que sinto,
Antes prefere que eu ria
Embora que diga — minto.

Ninguém deve neste mundo
De alheias desgraças rir,
Quando o céu troveja o raio
Não faz ponto onde cahir.

As glórias que julgam minhas
São completos dissabores,
São como os túmulos dourados
Chorando com suas flores.

Muito custa neste mundo
O querer ser bom vivente,
Desejar fazer aquilo
Que a ventura não consente.

Me rio às vezes forçado,
Meus risos não têm sabor,
Meus instantes de prazer
São misturados de dor.

Ao calvário da existência
Vou levando a minha cruz,
Bendigo o Deus das alturas
Que me dá crenças e luz.

Que a esperança nos deixa
Bem comprova o suicida;
A saudade é mais constante,

Nunca nos deixa na vida.

Da vida à morte há um passo,
Nesse passo há tanto transe
Que até penso que o infeliz
Com a morte não descanse.

Uma outra criatura
Ante os fados eu pareço,
Todos gozam, todos riem,
Eu não gozo — só padeço!

Padeço, e Deus sabe como;
Mas assim mesmo a sofrer
Hei de forçar um sorriso
Para feliz parecer.

E esse sorriso falso
Que a humanidade em mim vê,
Para me ser mais sensível
De glórias o mundo o crê.

E no entanto esse esforço
Que sobre mim mesmo faço,
Em vez de iludir agrava

A cruel dor que disfarço.

Tive glórias, tive crenças,
Fui feliz, amei a vida;
Hoje sou flor solitária
Sobre o sepulcro pendida.

Foste a alma de minh'alma,
A deusa dos meus sentidos;
Na ausência em que hoje choro
És a mãe dos meus gemidos.

Cede a crença ao desespero
Quando é demais a provança,
É loucura na desgraça
Alimentar esperança.

Os desejos de minh'alma
São pela sorte esquecidos,
Pra vê-los em tal penúria
Antes não fossem nascidos.

Ai daqueles que perderam

Seu primeiro e santo amor,
Pois nas próprias distrações
Agravarão sua dor!

Meu passado foi inglório,
Meu presente é tão escuro
Que amedrontado da sorte
Já praguejo o meu futuro.

Meu peito é fonte de pranto,
A sorte a sua nascente,
Quanto mais meus olhos brotam
Mais nela avulta a enchente.

Os meus amores perdidos
Que em minh'alma se criaram,
Fazem hoje meu martírio
Nas lembranças que deixaram.

Uma guerra de extermínio
Tirano mal declarou-me,
A minha própria esperança
Dele assombrada deixou-me.

Se por acaso os meus olhos
Disfarçam a dor que sentem,
Traídos por um suspiro
A si próprios se desmentem.

Os meus sorrisos perdidos,
Os meus prazeres de outrora,
Quem me dera tê-los hoje
Sabendo o que sei agora!

Ser pensante é meu martírio
Por conhecer o que sou,
Antes fosse pedra ou tronco
Que a terra a esmo criou.

Fui sempre só nos meus males,
Dos meus passei esquecido,
Como se eu fora um vivente
De duras pedras nascido.

3

FÚNEBRES

(MERENDINS)

Como as aves que vagueiam
No seio da noite escura,
Assim serão meus suspiros
Sobre a tua sepultura.

Eu sou triste como o luto
Que cobre os tenros filhinhos,
Que na pobreza perderam
Da terna mãe os carinhos.

Dizem que almas não morrem,
São imortais... Não têm fim...
A minha faz exceção,
Está morta dentro de mim.

Eu sou a tocha do morto
Com a luz já quase extinta,

Ou como a negra mortalha
Que por preta não se pinta.

Brilhava em céu azulado
Negra nuvem me toldou
Por perder quem me seguia
Minh'alma aflita chorou.

De tanta terra enfeitada
A terra que menos brilha
É a porção que hoje cobre
Os restos de minha filha.

Erguei-vos, flores da noite,
Tristes rosas da manhã;
Velem umas sobre as outras
O túmulo de minha irmã.

Sempre foste minha estrela;
Eu com gosto te seguia;
Na tormenta te apagaste,
Fiquei sozinho e sem guia.

Envolto em tua mortalha
Meu coração tu levaste,
Antes contigo se fosse
A vida que me deixaste.

Morreste silencioso,
De ninguém te despediste;
Do mundo nada quiseste,
Ao mundo nada pediste.

A minha alma não morreu,
Desfaleceu no transporte,
Na ocasião do gemido
Que meu irmão deu na morte.

Ó minha irmã Felisberta,
Se com a nossa mãe falares,
Não contes meus sofrimentos
Pra não lhe dar mais pesares.

Desabrochou de manhã,
De tarde se despediu;
Fiquei na noite sombria
Por onde ela se sumiu.

Meu filho, nada te fiz...
Por me faltar a ventura
Foste pedir agasalho
Na terra da sepultura.

Minha mãe, entre seus filhos
Se lembre de mim um dia,
Que dos ramos que eles formam
Eu sou a flor mais sombria.

Descansa, esposo querido,
A par de Deus tão divino
Pede-lhe, sim, que melhore
O meu infeliz destino.

Quando morreu minha Rosa,
O mundo ficou sem luz;
Porém ficou minha mãe
Pra carregar minha cruz.

Num erno triste, isolado
Eu choro minha orfandade,
Pois assim deve fazer

Quem tem su'alma em saudade.

Eu sou triste como é triste
A sombria parasita,
Que sobre a terra do morto
Sua sombra deposita.

Pede a Deus por tua mãe,
Meu pobre filho querido,
Que sobre a terra ela fica
Com o coração tão sentido.

Da terra voaste ao céu
Pra gozar a claridade;
Pede, esposo, ao Criador
Tenha de mim caridade.

Às vezes pareço crer,
Quando a terra flores dá,
Serem as cópias fiéis
Das flores que existem lá.

Sou triste como a caveira

No cemitério rolando,
Que vai com o correr do tempo
Em negro pó se tornando.

Sobre a tua sepultura
Um frouxo raio da lua
Parece a gota do pranto
Celeste, na terra tua.

Tu foste nuvem dourada,
Mas o sol te dissipou;
Como guardavas minh'alma
Contigo se desmanchou.

No canteiro de minh'alma
Plantei roxa maravilha,
Ao depois que te perdi
Adoro mais tua filha.

Sou triste como a tesoura
Que corta a negra mortalha,
Ou da cova a dura terra
Que sobre o morto se espalha.

Quem chorará no sepulcro
De quem na vida foi só?
De quem tantas vezes triste
De si mesmo teve dó?

Quebrem-se os selos da campa,
De um Deus o poder e brilho;
Vem, Maria, abençoar
Tua afilhada e teu filho!

Se queres saber se eu choro,
Me empresta a tua mortalha,
Com ela enxuga o meu pranto
E o nosso filho agasalha.

Debaixo da terra fria
Contra o teu rosto de dó,
Mais aumenta a minha pena
O me lembrar que estás só.

As saudades que te trago
Foram da terra arrancadas,
Mas as que tenho por ti
Estão n'alma enraizadas;

Ao passo que as que te trouxe
Como tu morrem também,
Minh'alma por infeliz
Bebe vida nas que tem.

Dorme, dorme, meu bom pai,
Descansa onde a estrela brilha,
Que ao trono de Deus irão
As preces de tua filha.

Se morreste para o mundo,
Não morreste para mim;
Eu seguirei teus caprichos
Até meus dias dar fim.

Os meus prazeres morreram
Quando morreu minha bela;
Dão hoje causa a meu pranto
Saudades que tenho dela.

Ó flores que junto à campa
De meu filho vicejais,
Sede fiéis transmissoras
Dos meus doloridos ais!

Ao filho que a mão da morte
Roubou com desgosto tanto,
Contai as tristezas minhas,
Meu sentimento e meu pranto.

Aqui descansam os restos
De meu filhinho adorado,
— Botão de flor de minh'alma
Tão rudemente arrancado.

Sorriam flores no prado,
Tu lutavas na agonia;
Antes da tarde morreste,
As flores no fim do dia.

Pra resistir tua falta
Minh'alma não tem coragem,
Só se iludido pensar
Que não perdi tua imagem.

Se além da sentida morte
O sentimento vigora,
Feliz dos restos mortais
Que sobre eles se chora.

Foste a arca de esperança,
Foste a flor do meu esmero;
Depois que pra o céu voaste,
Nem arca, nem flores quero.

Já que não posso morrer
Contigo, minha Adelaide,
Aceita o pranto sem fim
De uma perpétua saudade.

Ao levantar tua campa
Tua imagem esperei;
Foi ilusão do desejo,
Só teus ossos encontrei.

Não são as galas do mundo
Nem os ricos mausoléus,
São a virtude, a constância
Que elevam almas aos céus

Nem mesmo sei o que sou
Pela dor que sinto agora,

Bem pareço a sombra escura
Dum ser que viveu outrora.

Tristonha morada, guarda
De meu bem sua figura,
Que os meus suspiros rodeiam
Sua triste sepultura.

Cantiga

Tu eras a minha vida,
De tua vida eu vivia;
Eras a alma, eu o corpo,
A ti a vida eu daria.

Eras a voz, eu o eco,
Só contigo eu existia.

Como a flor que pouco dura
Tu também pouco duraste,
E no mar da eternidade
Como a estrela te ocultaste.

Como o sol também fugiste,
Como um anjo ao céu voaste.

Pobre flor dos meus amores,
Entre goivos te perdeste,
Na solidão do sepulcro

Para sempre emudeceste;

Pobre flor dos meus amores
Que tão cedo emurcheceste.

E dos meus sonhos dourados
De minha passada glória,
De meus dias de ventura,
De bonança transitória,

De meu passado ditoso
Só me ficou a memória.

E tudo fugiu contigo,
Contigo tudo perdi;
Cerrei os olhos ao mundo,
Porque o mundo eu via em ti;
Estando em ti minha vida,
Contigo também morri.

Numa urna

É ossos de minha amada,
Recebei minha oblação!
Guardo aqui porque não posso
Guardá-los no coração.

4

ESPÉCIMES DO DIALETO CALOM

De um filho ao pai

No dialeto calom:

*Ó bato, tu merinhaste,
Tão chinurrão eu fiquei.
Manguella ao Duvel por mença
Que por tuça eu manguinhei.*

Tradução livre:

*Ó meu pai, tu já morreste,
Tao pequenino eu fiquei.
Suplica por mim a Deus,
Que eu por ti já supliquei.*

No dialeto calom:

*Quem se cismar nachadon
Não requerde cime dar
Que o ron quidon requerdando
Dinhão dabans a mardar.*

Tradução livre:

Quem conhecer-se infeliz
Não fale, esteja calado;
Que o infeliz quando fala
Quase sempre é castigado.

Tradução literal:

Quem se conhecer desgraçado
Não fale, tenha medo
Que ao homem desgraçado falando
Dão pancadas de matar.

No dialeto calom:

*Te camellava, runin,
Simando bar nachadon,
Só o teu babanipen
Me querdava bravalon.*

Tradução literal:

Te queria, mulher,
Sendo mesmo desgraçado:
Só a tua formosura
Me faria venturoso.

NOTAS

No *chibé*¹⁶ dos ciganos, *kambulins* significa amorosas, líricas. Foi esta a classificação que melhor nos pareceu para as quadras de sentir mais sereno e alegre.

Apesar da nota melancólica e popular, elas só têm de português, como nos disse o eminente jornalista francês e escolhido homem de letras, Charles Morel,¹⁷ a palavra; porquanto, conclui o mesmo escritor, depois de ouvir o *Cancioneiro dos ciganos*: “É o pensamento antigo que desperta do seu sono de séculos!”

É possível que entre estes versos dois ou três se encontrem tomados de empréstimo às nossas canções populares, mas unicamente nos da primeira parte. Quanto aos das outras, são cultos demais para serem do nosso povo; obedecem a um sistema filosófico especial, e caracterizam circunstâncias e estados de alma incompatíveis com o nosso meio.

As elegíacas (*kachardins*), mais propriamente tristes, são produções que primam pelo subjetivismo e pela sentença.

Como na Bíblia e nas grandes epopeias do Oriente, a simplicidade da forma contrasta aí com uma ideia sempre bela,

¹⁶Linguagem; gíria, dialeto. [N. do A.]

¹⁷Refere-se ao jornalista francês Charles Morel, ou Carlos Morel, que trabalhou no Brasil, interessado em suas questões culturais e econômicas, a quem Melo Morais Filho dedicou este livro. Dirigiu o jornal em língua francesa *L'Etoile du Sud*, que circulou no Rio de Janeiro até os primeiros anos do séc. XX. [N. do E.]

profunda e grandiosa.

De verdadeiras máximas de filosofia prática, esta classe poderia servir de apenso aos Provérbios e às obras congêneres da arte oriental, das quais o *Cancioneiro* fielmente retrata pontos estéticos.

De uma novidade contemplativa e solene, as fúnebres (*merendins* ou *mulondins*)¹⁸ recordam o ritual funerário dos egípcios.

Essas quadras que, como as do livro inteiro, os ciganos cantam à viola, sua confidente íntima, têm de particular, quanto à etnografia, que não há uma só inspirada pelo acaso.

Aqui é um lamento ou uma inscrição; ali, um verso depositado na sepultura rasa ou nas urnas; acolá um pedido por escrito ao morto, ao fechar o caixão, por um parente, um amigo, um irmão etc.

Ó minha irmã Felisberta,
Se com a nossa mãe falares,
Não contes meus sofrimentos
Pra não lhe dar mais pesares.

Os ciganos da Cidade Nova, quando a mesma dor os reúne, as modulam em lembrança de alguém que lhes foi caro, e que já não pertence a este mundo.

Como é triste, nessas casas pobres, ver-se à noite grupos de fisionomia estranha, mulheres morenas e de olhos divinos, acercados dos tocadores de viola, carpindo a sua última ilusão sorvida pelo beijo frio da morte!

¹⁸De *mulon*: morto, defundo. [N. do A.]

Não se pode ler essas estâncias sem emoção. Não conhecemos em literatura alguma poema em que as imagens sejam mais lúgubres, a agonia mais funda, e a dor mais dolorosa.

Se queres saber se eu choro,
Me empresta a tua mortalha,
Com ela enxuga o meu pranto
E o nosso filho agasalha.

Da quadra:

O tempo pediu ao Tempo
Que tempo o Tempo lhe desse,
Para fazer com o tempo
Tudo que o Tempo quisesse.

Eis a variante brasileira:

O tempo pediu ao Tempo
Que que lhe desse largo tempo,
O Tempo lhe respondeu:
— Tudo com tempo tem tempo.

Como esta, podem existir outras, que não conhecemos.

A autenticidade deste *Cancioneiro* justifica-se pela sua popularidade entre os ciganos. Todos sabem de cor esses versos, geralmente improvisados, elevando-se a mais de cinco mil os que ainda se podem recolher das rapsódias.

POSFÁCIO

OS CIGANOS

Contribuição etnográfica por Melo Morais Filho

TODO E QUALQUER ESTUDO que contribua para o esclarecimento das populações nacionais, todo e qualquer esforço para fazer a luz sobre as origens, os costumes, a psicologia de nossas classes populares deve ser bem recebido e encorajado.

Sim; a despeito de seus *doutores* e de seus *sábios*, a despeito de seus *grandes* geógrafos, geólogos, etnólogos e linguistas, o Brasil ainda não conhece o seu território, nem sabe as filiações das tribos índias e africanas, que lhe constituíram grandíssima parte da população.

Sobre estas coisas, em rigor, sabe-se o que se tem podido copiar dos livros dos viajantes e sábios estrangeiros.

As observações e pesquisas diretas são entre nós bem poucas, se não metermos em conta as levadas a efeito por europeus e anglo-americanos, longa ou limitadamente residentes no país.

Tomada a etnografia como base para os estudos históricos e sociais, quantos problemas não estão aí a tentar-nos!

O povo brasileiro é o resultado de muitos fatores física e moralmente.

O que devemos aos portugueses, aos negros, aos índios?

Seria necessário responder a estas questões, e elucidá-las a fundo, sob todos os aspectos. Seria até preciso subdividir cada um daqueles problemas capitais.

Entre os portugueses ver a ação dos ilhéus, dos minhotos e transmontanos, dos alentejanos, dos algárvios; suas migrações para o Brasil, as direções de suas correntes, suas preferências para estabelecerem-se nesta ou naquela província, nos tempos da colônia e ainda hoje.

Praticar o mesmo para com os negros; verificar a ação das diversas tribos africanas; suas modificações no meio americano, suas línguas, sua aptidão intelectual etc.

Qual a contribuição dos negros da costa oriental e qual a dos negros das costas do ocidente? Dos negros do grupo banto, do grupo felupo, do grupo mandé etc.? Dever-se-ia responder.

Idêntico processo para os indígenas. Quais as raças pré-históricas, e os seus representantes atuais?

E quais os povos invasores em suas diversas raças, e a contribuição de cada uma delas?

Feito isto, estaríamos muito longe de ter esgotado o assunto. Restaria ainda e sempre investigar o que devemos aos holandeses, que senhorearam durante muitos anos quase todo o norte do Brasil. A estada dos franceses no Maranhão não deixou ali vestígios de qualquer ordem, não modificou de qualquer forma as populações daquela província?

Quanto a franceses, o que lhes devemos pela ação intelectual de seus livros, de sua literatura, que imitamos, de seus costumes, de suas modas, que macaqueamos?

A vizinhança dos espanhóis nas províncias das fronteiras não atua em qualquer grau sobre os povos próximos?

Quanto a espanhóis, a imitação de sua poesia pelos autores nacionais no século XVII nada influiu? E o tempo em que pertencemos à Espanha nada produziu?

As colônias alemãs do Rio Grande, de Santa Catarina, Paraná e São Paulo não exercem ação alguma? E o contingente italiano, que tende a crescer?

É mister determinar tudo isto, e ainda assim não ficarão

exauridos os nossos problemas etnográfico-históricos.

Faltaria, por outro lado, determinar a índole, o caráter, o impulso das populações mestiçadas, ponto capital de nossa vida de nação.

Todas estas questões constituem um trabalho colossal, que só poderá ser feito aos fragmentos e no decurso de varias gerações. É o grande estudo da demografia apenas iniciado no Brasil.

Temos prazer em anunciar que o Sr. Dr. Melo Moraes Filho, poeta do nacionalismo pátrio, tem entre mãos um trabalho que será uma contribuição interessante para estes assuntos.

Tomou para objeto de suas pesquisas a raça mais ou menos nômade dos ciganos, que são mais abundantes no Brasil do que geralmente se pensa. Não vai fazer um livro de poesia pelo molde dos *Escravos vermelhos*;¹⁹ em sua nova obra o método, o estilo e os fins são muito outros e diversos.

Por pouco que tenham os ciganos contribuído para o conjunto da intuição intelectual das classes mais baixas de nosso povo, ainda assim apresenta um grande interesse o estudo dessa raça, que constitui no velho mundo um dos problemas mais intrincados da etnografia. Especialmente na Espanha e nos países eslavos os *tziganos* existiram desde os mais antigos tempos em número considerável. Mais ou menos mesclados, ou mais ou menos puros, no exercício de certas indústrias, na originalidade de seu viver, na singularidade de sua música, de suas danças, de sua poesia, eles não deixaram de influir sobre o espírito popular dos eslavos e espanhóis, para não falar de outras nações.

Têm sido o objeto de uma literatura inteira; sua língua, seus costumes, crenças, festas, danças, música, hão sido o as-

¹⁹Livro de poemas de Moraes Filho com o tema da escravidão indígena no Brasil, abolicionista em termos políticos. Desconhecemos a data da publicação. O brasilianista inglês David Treece estima que os textos de *Os escravos vermelhos*, *Os escravos negros* e *Os ciganos* tenham sido escritos entre os anos 1882 e 1900. [N. do E.]

sunto de muitas publicações interessantes. O ponto mais obscuro é o de sua origem e filiação etnográfica, de suas migrações primitivas.

O Dr. Melo Morais, no prometido livro, que nada tem que ver com a anunciada *Pátria selvagem (Escravos vermelhos e escravos negros)*, trata dos seguintes pontos, capítulos da obra:

1. Estudo sobre as primitivas migrações dos ciganos na Europa, e opiniões a respeito de sua origem.
2. Os ciganos em Portugal; alvarás e cartas régias das Leis Extravagantes a seu respeito.
3. As primeiras levas de ciganos no Brasil, e lugar de suas habitações. As nove famílias de ciganos que chegaram ao Rio de Janeiro em 1718, seus nomes e sua distribuição. Os ciganos piratas das fazendas e vendedores de negros novos e cavalos.
4. O curro no campo de Santana. Dança dos ciganos em presença de D. João VI. O rei confere prêmios às mulheres e patentes militares aos homens.
5. Seu tipo e cruzamentos; seus usos, costumes e superstições, influenciando nas camadas populares.
6. O interior de uma casa de ciganos em 1840. Uma serenata. Ciganos do becco do Bem-Bom.
7. A cigana esposa e mãe. As ciganas que leem a sina, que rezam de quebranto, mau olhado, erisipelas etc. Orações e agouros, pragas e malefícios.
8. Famílias de ciganos do bairro da Cidade Nova. O casamento entre parentes próximos, as heranças e a miséria, dando como resultado casos patológicos.
9. Um casamento e uma cerimônia fúnebre. As exclamações da viúva e órfãos. Lamentações.
10. O lenço da noiva, do ritual egípcio, e o quarto de cinco lençóis.
11. O segredo e a palavra de ordem para a reunião de partidas nos sertões. Aparição misteriosa desses bandos, sem que conste dos desembarques.
12. *Chibé* dos ciganos para escaparem a perseguições.
13. O sombrio de seus quadros, o lutuoso de suas imagens, e a esperança numa vida futura, de acordo com a sua desclassificação social e seu isolamento por índole.
14. Uma conferência de duas horas com o Sr. Pinto Noites, o

- octogenário dos ciganos.
15. Vocabulário e comentários.
16. Ciganos célebres no Brasil.
17. A música dos ciganos.

As teses são consideráveis, e o valor do livro dependerá do modo como forem elas resolvidas.

O talento do autor, sua fácil intuição poética, seu gosto pelos estudos etnológicos, o preparo a que se está entregando para levar a bom êxito a empresa, são garantias de que não seremos iludidos. Esperemos pelo livro e então discutamo-lo.

Agora seria prematuro adiantar quaisquer dúvidas sobre as conclusões do escritor. Seu tentame para restituir a uma classe espoliada um lugar entre nossas lutas é digno de apreço.

SÍLVIO ROMERO

Rio, 2 de janeiro de 1885.

RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS, REA

Em junho de 2012, houve um Congresso Mundial de Recursos Educacionais Abertos, reunido pela UNESCO na capital da França. Ressaltamos este aspecto da Declaração de Paris:

REA são materiais de ensino, aprendizagem e investigação em quaisquer suportes, digitais ou outros, que se situem no domínio público ou que tenham sido divulgados sob licença aberta que permite acesso, uso, adaptação e redistribuição gratuitos por terceiros, mediante nenhuma restrição ou poucas restrições. O licenciamento aberto é construído no âmbito da estrutura existente dos direitos de propriedade intelectual, tais como se encontram definidos por convenções internacionais pertinentes, e respeita a autoria da obra.



CRATIVE COMMONS

br.creativecommons.org

CADERNOS DO MUNDO INTEIRO

cadernosdomundointeiro.com.br

Este livro foi composto com a tecnologia $\text{T}_{\text{E}}\text{X}/\text{L}^{\text{A}}\text{T}_{\text{E}}\text{X}$. A fonte empregada é Fourier New Century Schoolbook, nos tamanhos 25 para os títulos e 14/18 para os textos, sobre desenho tipográfico de Morris Fuller Benton, Estados Unidos, 1919.